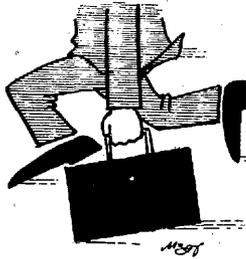


Sarney perante a trilogia externa



O presidente José Sarney vai cumprir, até o final de setembro, três viagens internacionais praticamente decisivas: ao Vaticano, à Argentina e aos Estados Unidos. A primeira delas foi realizada nos últimos dias, com resultados conhecidos e que podem exercer algum tipo de influência nas atuais e

difíceis relações entre o governo brasileiro e a Igreja neste país.

O próximo passo será a ida a Buenos Aires, a convite do presidente Raul Alfonsín. Essa visita é fundamental. Vamos falar dela com maior profundidade nas suas vizinhanças. Mas desde já é possível vislumbrar o alcance desse acontecimento diplomático. A Argentina é, de saída, o nosso principal vizinho e, a meu ver, o mais importante para a diplomacia brasileira, embora muitos achem que os Estados Unidos devam ocupar a posição número um.

Uma tal situação não está livre de riscos, de problemas, ainda mais porque Brasil e Argentina — ou alguns dos seus condutores — se colocaram muitas vezes como concorrentes, em busca não se sabe bem de que glória. Foi um erro, que não deve ser repetido, até porque o verdadeiro papel de ambos deve ser o da aliança, não o da competição, pelo menos nos termos referidos. As duas nações estão sabiamente entendendo isso. Uma prova bem evidente é o "pacote" que está sendo preparado para o encontro Alfonsín-Sarney, verdadeiro exemplo de cooperação Sul-Sul.

Depois, fechando a trilogia, o presidente Sarney irá a Washington, onde o esperam vários problemas, o que tanto deixa sobressaltados os setores mais conservadores deste país. Esses setores, saudosistas, não conseguem entender que a divergência em alguns campos, sem prejuízo da tradicional relação bilateral, é o resultado do desejo brasileiro de ampliar seus interesses nacionais. E, mais que isso, de defendê-los bem.

A questão da informática é bem simbólica desse estado de coisas. Estão em confronto interesses divergentes. O Brasil sabe que o seu futuro depende basicamente do acesso à tecnologia, em suas variadas formas. Esse acesso pressupõe uma inevitável proteção à indústria da informática, que está inscrita no capítulo da segurança nacional.

A reserva de mercado para a informática é uma consequência natural dessa imposição dos fatos. A boa posição, a meu ver, é a do ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer. A posição do presidente Sarney será boa enquanto ele cumprir sua palavra de não permitir desvios no roteiro traçado para a informática. Esses desvios tanto podem ser ostensivos como disfarçados, mascarados. A sociedade está muito atenta nesse ponto para apoiar o ministro Archer e cobrar a palavra presidencial.

Há outros dados, de que falaremos na ocasião adequada, conferindo importância à visita do presidente José Sarney a Washington. Mas a informática seria suficiente para tornar a missão relevante e perigosa. Nos Estados Unidos, o visitante terá so duas alternativas: ficar ao lado dos interesses norte-americanos, representados no Brasil pelas áreas conservadoras, ou se alinhar com os verdadeiros interesses nacionais, que o povo apoia. Não haverá uma terceira alternativa. Arranjos, manipulações, adaptações não vão conseguir disfarçar o único dado concreto nesse caso: a capitulação.